

A BICA DAS FREIRAS

Scott Joseph Allen
Josemary Omena Passos Ferrare
Vivian Karla de Sena
Waldimir Maia Leite Neto

RESUMO

O local conhecido como *Bica das Freiras* se configura no folclore de Penedo, Alagoas, salientemente pela escassez de informações quanto a sua origem. Rezam lendas sobre holandeses, frades e freiras que teriam construído ou utilizado a bica desde a fundação do povoado de Penedo ainda no século XVI. Com o intuito de contribuir à preservação e valorização da Bica das Freiras, e porventura descobrir as suas origens históricas, a Superintendência do IPHAN em Alagoas instigou um projeto que foi executado pelo Núcleo de Ensino e Pesquisa Arqueológico da UFAL. O artigo a seguir apresenta algumas das atividades realizadas e resultados preliminares.

PALAVRAS CHAVE: Arqueologia Histórica; Penedo, Alagoas; Bica das Freiras

137

ABSTRACT

The locality known as *Bica das Freiras* (loosely, Nuns' Well) figures prominently in the folklore of Penedo, Alagoas, most saliently due to the lack of information about its origins. Stories are told that include the Dutch, friars and nuns who either constructed or used the well since the foundation of the first settlement in Penedo in the 16th century. With the objective of preserving and valorize the Bica das Freiras, and perhaps even discovering its historical origins, the Superintendent Office of IPHAN in Alagoas originated a project that was carried out by the Center for Archaeological Teaching and Research (NEPA) of the Universidade Federal de Alagoas. The following article presents some details of the work carried out as well as preliminary results.

KEY WORDS: Historical Archaeology; Penedo, Alagoas; Bica das Freiras

Uma estrutura foi ‘descoberta’ no ano de 1983, “oculta por uma extensa vegetação que permaneceu intacta por vários anos, [...] a ruína de um chafariz público originário do século XVII”, de acordo com historiadores que subsidiaram uma matéria publicada no Jornal Gazeta de Alagoas (17/01/1993). Essa ‘Bica da Torneira’, conforme chamada na matéria, leva diversos outros nomes como Cuscuz ou Cuscuzeiro, Bica dos Frades, Bica do Tourinho e Bica das Freiras. O objetivo geral do presente estudo foi a inserção do sítio arqueológico *Bica das Freiras* no contexto histórico na Cidade de Penedo. A pesquisa teve ainda como objetivos específicos: identificar o período de sua construção através do reconhecimento das técnicas construtivas e cultura material, auxiliado com o levantamento documental e oral. O papel das intervenções arqueológicas realizadas no entorno da Bica foram principalmente, 1) determinar a existência de um contexto arqueológico passível a estudos mais amplos e, 2) evidenciar elementos arquitetônicos que proporcionassem informações para identificar o período de sua construção.

CONTEXTO HISTÓRICO

138

De acordo com a matéria supracitada, a Bica “[fazia] parte de um conjunto arquitetônico que incluía a Capela de São Gonçalo do Amarante, uma escola de latim e português e um chafariz ladeado por duas escadas gêmeas”, bem como que a mesma fora construída “em 1632 pelo capitão Antônio Amorim e fiéis daquela ‘freguesia’”. Assevera-nos também essa ocorrência, o pesquisador Álvaro Queiroz, em suas averiguações sobre a atuação da Ordem Carmelita em Alagoas, de *per si* apoiado em referências comprobatórias feitas pelo historiador Ernani Mero, este já aportado na propriedade investigativa de Carotá: “Sabemos que os religiosos do Carmo tiveram uma presença marcante em Penedo, inclusive promovendo a fundação de recolhimento e da Capela de São Gonçalo do Amarante, a qual foi edificada pelo Capitão Antônio de Amorim e pelos fiéis, em 1632” (CAROTÁ apud QUEIROZ, 1994:22).¹

De acordo com desdobramentos dados pelo historiador Ernani Méro acerca da localização da referida capela de São Gonçalo, a mesma “ficava no Alto do Tourinho, hoje praça Jacome Calheiros, tendo ao lado um recolhimento alpendrado” (MÉRO, 1991). Sobre o desaparecimento da capela, nós é possível saber um pouco mais a partir de uma publicação organizada pelo pesquisador Dr. Francisco Sales, impressa no ano de 1995, intitulada *Memorial da Casa do Penedo*, onde fala sobre o processo de degradação que atingia naquele momento o antigo Chalé dos Loureiros, sitiado na atual Av. Getúlio Vargas, antiga Rua Aurora, nas proximidades de ambas as construções – Capela de São Gonçalo e Bica dos Frades; esta última erguida um pouco mais adiante

¹ Queiroz, nesta mesma obra, assim nós informa em uma Cronologia Básica que estruturou sobre a instalação dos Carmelitas em Alagoas: “1632 - Fundação de Recolhimento e da Capela de S. Gonçalo do Amarante, em Penedo”. p. 53.

dos fundos do lote do Chalé dos Loureiros, edificação que pontuava esse trecho da atual avenida (enquanto rua da Aurora), e “devia causar [impacto] quando foi construído, na rua da Aurora, [...] num pequeno sítio, rodeado de casas pobres”. O referido organizador do Memorial da Casa do Penedo assim se expressou fazendo um comparativo da possibilidade de recuperação entre as duas edificações que haviam sido atingidas por desuso e depreciação da obsolescência funcional: “Felizmente, o Chalé dos Loureiros ainda pode ser salvo da destruição. Sorte igual não mereceu a Capela de São Gonçalo do Amarante, marco inaugural da Rua Aurora, construída pelos carmelitas por volta de 1700. A capela seria demolida, no século XX [...].”(SALES 1995:2-3). Em virtude da denominação dessa elevação topográfica da cidade (alto do Tourinho), a Bica chegou a ser também denominada por Bica do Tourinho, embora tenha sido uma das denominações menos usual.



Figura 1 – Trecho da Rua da Aurora com o Chalé dos Loureiros vendo-se ao fundo a Capela de São Gonçalo. Vale atentar para o fato deste Bilhete Postal, ser ainda produzido pela UNION POSTALE UNIVERSALLE e lembrar que: “No Brasil, o governo imperial, [...] mediante o Decreto n.º 7695, de 28 de abril de 18880, autorizou a Repartição Geral dos Correios [...] a emitir os primeiros bilhetes postais usados no país.” (FERRARE e GUIMARÃES, 2009). Fonte: Projeto de Restauro do Chalé dos Loureiros /Acervo da Fundação Casa do Penedo. S/data.

139



Figura 2 – Trecho da Antiga Rua da Aurora, ainda não pavimentada, porém após a construção do Chalé. Fonte: Acervo da Fundação Casa do Penedo. S/data.



140

Observa-se na figura 2 o adensamento de outras construções e a construção de feitiço moderno do Colégio que foi construído no local da antiga Capela de São Gonçalo ao fundo. O terreno onde foi construída a Bica é nas proximidades posteriores deste trecho. Segundo depoimentos colhidos com o pesquisador Dr. Francisco Sales, a Bica proporcionava um farto abastecimento d'água e serviu por muitos anos à população local e as denominações que prevalecem à sua referência derivam do vínculo da sua criação pelos religiosos. Observando-se a configuração espacial que a Bica apresenta, é bastante dedutível a ocorrência de duas etapas de construção desse equipamento criado para veicular água nessa parte da cidade, o que se respalda na substancial informação assim transcrita da matéria jornalística pesquisada:

Em 1712 foi acrescentado a esse conjunto, um tanque da capela, para banhos, também contornado por escadas. Por está localizado nos fundos da capela, passou a ser conhecido pelos penedenses como, Tanque dos Frades.” (*Gazeta de Alagoas*, 1993).

Faixa de terra paralela à atual Av. Getúlio Vargas, hoje a principal via urbana da cidade, anteriormente quando chamada Rua da Aurora, - “uma rua de moradas humildes” (SALES, 1995:3). Atualmente, essa área (posterior à avenida) ainda se mantém com um baixíssimo índice de adensamento de construções no padrão de habitação, sendo bastante ocorrente a afloração de muros de pedras, dispostos em forma circulares que funcionam como contenedores de águas afloradas, contudo, nenhum deles possui uma parte em formato de cúpula que cubra o diâmetro circular que o aproximam da ideia de poço d'água.



Figura 3 – “Bica da Torneira” ou (Bica do Tourinho) dos padres Carmelitas. Observar os degraus de acesso ao tanque que foi criado no século XVIII, de acordo com as informações dadas por estudiosos da cidade e publicadas na matéria jornalística citada acima. Fonte: Fotografia cortesia da Fundação Casa do Penedo. Ano da foto: 1988.

Embora tenha acontecido a degradação gradual e o posterior desaparecimento por completo da capela de São Gonçalo e da escola de latim, chegou a sobreviver “apenas parte da estrutura original da bica e do tanque permaneceram na paisagem de Penedo até o início deste século [XX]”. (*Gazeta de Alagoas*, 1993).

Embora tenha havido certo amontoamento de terras que criaram obstáculos à sua percepção direta, com efeito, após essa experiência de “redescobrimto” por parte dos integrantes do grupo de estudos e pesquisas ‘Pensando Penedo’, a Bica resultou novamente exposta/acessível à comunidade e, certamente, fez emergir muitos dos contos e lendas que a envolviam no imaginário popular como uma que é citada pelo escritor Ledo Ivo: “Na Bica da Torneira um frade sem cabeça protege tesouros.” (*O Jornal*, 1994).

INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS

A pesquisa arqueológica desenvolvida no Sítio Bica das Freiras consistiu em prospecções sistemáticas de superfície, escavação de uma trincheira rente às estruturas, prospecção em subsuperfície, levantamento topográfico das estruturas e levantamento documental e oral. Anterior à pesquisa, o entorno imediato da Bica foi utilizado para a criação de animais (porcos e cavalos). Em decorrência do atual uso, foram identificadas perturbações como chiqueiros e cercas. Devido a essas interferências, as perturbações observadas modificaram as camadas superficiais do sítio (entulhos, perfurações no solo para nivelamento e construção de cercas, pisoteamento e dejetos de animais) e deterioração das estruturas (exposição de alicerces, queda do reboco e infiltrações).

No início das pesquisas, apenas com a observação das estruturas tal como foram encontradas, puderam ser identificadas as seguintes estruturas que fazem parte do conjunto do sítio: a cisterna, ligada a uma abóbada construída posteriormente; comportas hidráulicas que formam uma estrutura conjugada, juntamente com uma escadaria de acesso à água da cisterna e um muro que, atualmente, limita o acesso à bica por uma das vias, na direção oeste. No interior da Bica foi identificada a presença de vegetação cujas raízes e galhos provocaram o desmoronamento de alguns tijolos da estrutura da abóbada que faz a cobertura, acelerando dessa forma o processo de deterioração do sítio arqueológico (Figura 4).

142

Num raio de 15m das estruturas da Bica foram evidenciados artefatos de cronologia recente (entulho de construção, cerâmica/louça, vidro, metal e madeira).



Figura 4 – Estruturas de comportas e escadaria ligadas à bica. Nota-se vegetação saindo do topo da cobertura.

Com o término do reconhecimento da bica e seu entorno, foram delimitadas áreas para a realização de intervenções arqueológicas de subsuperfície. A primeira intervenção foi denominada de Trincheira 1, rente às estruturas da bica. O objetivo dessa trincheira foi o de contextualizar a Bica das Freiras, de acordo com os seus momentos construtivos assim como dos elementos da cultura material evidenciada nas escavações. Na análise em superfície foi observado pelo menos quatro momentos construtivos: a cisterna juntamente com as comportas e a escadaria, construídas por blocos de arenito; a abóboda em tijolo maciço; uma estrutura de sustentação para a ligação entre a cisterna e a abóboda feita em blocos de arenito (tanto a abóboda quanto essa estrutura são cobertas por um reboco) e um muro no lado oeste que começa da extremidade sul da estrutura da abóboda.

Dessa forma a Trincheira 1 foi alocada na extremidade sul, entre as estruturas da bica (cisterna com a cúpula) e o muro, e apresentou as seguintes delimitações: 3 m de extensão (correspondendo a toda extremidade sul da estrutura da bica e parte da estrutura do muro) por 1,5 m de largura (a partir da extremidade sul da bica e parte da estrutura do muro) (Figura 5).



Figura 5 – Delimitação da Trincheira 1 após a limpeza de superfície da área.

Em decorrência da perturbação observada durante a prospecção do sítio, foi realizada uma limpeza de superfície a partir da extremidade sul da bica até a cerca que delimita a área. A limpeza de superfície consistiu então na retirada de entulhos,

vegetação rasteira, dejetos de animais tanto na área da trincheira como também da área entre a extremidade sul da bica e o muro. Nessa última área foi decidido fazer uma limpeza de superfície com o objetivo de facilitar o deslocamento da equipe durante a escavação, assim como da observação do local de possíveis anomalias do solo que indicassem novas áreas de interesse para a escavação arqueológica.

Para a limpeza de superfície foram utilizadas enxada, pá e balde para a coleta do entulho e vegetação rasteira. Durante a retirada do sedimento na limpeza de superfície foi realizada uma triagem do material com o objetivo de identificar artefatos diagnósticos (artefatos que possuam características passíveis de serem identificados o seu uso, função e a sua cronologia). O material de superfície era constituído de entulho (fragmentos de restos construtivos como tijolo, telha, reboco) proveniente tanto da estrutura principal da Bica como também de material acomodado pela população local, e artefatos recentes (vidro, metal, madeirae plástico).

Observou-se que a área foi utilizada, em alguns momentos, para despejo de excedentes das residências circunvizinhas. Sendo assim, como as informações arqueológicas já tinham sido suficientes para responder sobre a deposição desses materiais em superfície, na formação do sítio, não houve necessidade de coletá-los, os quais foram devidamente registrados no caderno de campo, no formulário de controle de escavação e em fotografias.

144

Com o término da limpeza de superfície foi iniciada a escavação da Trincheira 1. Para o controle vertical da escavação foram estabelecidos níveis artificiais de 10cm, em média, denominados de decapagem. A escavação da trincheira foi efetuada com a utilização de enxada, pá de bico, colher de pedreiro e pincel para a revelação e coleta do material arqueológico. O sedimento retirado foi peneirado com o objetivo de identificar a presença de artefatos de menor tamanho que porventura não puderam ser revelados no momento da escavação.

Além do mapeamento horizontal e o controle vertical da escavação também foram utilizados formulários específicos para cada unidade escavada. Os formulários têm como propósito o controle de dados obtidos durante a escavação (para controle de decapagem; controle de camada; formulário de croqui).

As duas primeiras decapagens permitiram revelar a primeira camada de areia argilosa (Munsell: 10 YR 2/1 Black), que foi caracterizada como sendo de entulho, visto que o material observado corresponde a restos construtivos (telha, tijolo, reboco). Estes pertenciam tanto à estrutura da bica como do muro. Além do material de entulho também foi identificada a presença de cerâmica simples, louça, vidro (não coletado por ser de recipiente de bebida recente), plástico (não coletado), ossos de animais (não coletado) e uma moeda de 1967, evidenciada a 26 cm de profundidade. A presença de raízes em toda a trincheira resultou na perturbação da primeira camada e também na deteriorização da estrutura da bica. Foram observados muitos blocos de pedras soltos no sedimento assim como blocos se deprendendo da estrutura, além do deslocamento do

reboco. Todos os artefatos coletados nas duas primeiras decapagens (08-18cm e 18-26cm) apresentam características tecnológicas mais recentes e podem não corresponder aos primeiros momentos de construção da Bica das Freiras. Entretanto, permitem diagnosticar a perturbação do local em decorrência das atividades que atualmente são realizadas no local.

A Camada II é composta por um sedimento de areia-argilosa (Munsell: 3 YR 4/4 *Reddish Black*). Nela foram evidenciados fragmentos de tijolo, telha, reboco, e parte de garrafas de vidro (material recente), plástico e raízes. A aproximadamente 32cm de profundidade observa-se a transição entre a Camada II e um sedimento amarelado, no centro da trincheira. Com a continuidade da escavação pôde-se observar a configuração de uma nova camada (Camada III) formada por este sedimento. Os artefatos (cerâmica simples e louça) coletados na terceira decapagem (26-40cm) se concentraram na área de transição da Camada III.

Com a finalização da decapagem 3 foi observado que a Camada II se concentra no lado oeste da trincheira, a Camada III se amplia (do centro da trincheira para o lado leste) e a Camada I começa a desaparecer no plano horizontal, aparecendo apenas o seu final, na transição com a Camada III na porção leste da trincheira.

Durante a escavação da decapagem 4 (40-51 cm) foi percebido que a Camada II se concentrou entre a estrutura da bica e o muro, podendo ser associada à construção do mesmo. Por outro lado a Camada III está presente no restante da trincheira. Nessa última camada foram coletadas cerâmica vitrificada, louça sem decoração e louças características dos séculos XIX e XX (fragmentos de *blue edged* e *transferprinted*). Outros artefatos, associados à Camada II, também foram observados, como tijolo, telha e plástico, porém não foram coletados, por estarem ali presentes devido às perturbações no sítio, como o acúmulo de entulhos, e por não possuírem dados que auxiliassem na interpretação arqueológica da estrutura da bica, principalmente na indicação da cronologia de sua construção.

Foi possível, ao final da decapagem 4 (51cm de profundidade), observar que a estrutura abaixo da abóboda foi construída para a sustentação da ligação entre a abóboda (conhecida pela população como cuscuz) e a estrutura da cisterna que compõem a Bica das Freiras. Essa estrutura intermediária é composta por blocos de pedra delineados por uma argamassa arenosa que também fazia o reboco. Em decorrência da bioturbação (principalmente das raízes) observou-se que muitos blocos de pedra estão fragmentados e soltos, assim como o reboco que os cobria.

A Camada IV aparece desde a quarta decapagem, a cerca de 48cm de profundidade, sendo finalizada em 59cm, onde é possível perceber a interrupção desta, feita no baldrame construído para o alicerce da cisterna. O sedimento argiloso que formava essa camada possuía coloração Munsell 10 YR 7/2 - *VeryPale Brown* e se concentrava na porção oeste da trincheira, podendo ainda ser observada no perfil oeste, logo abaixo do alicerce do muro, feito de blocos rochosos de pequenas dimensões. A

mesma parece ser resultado da construção do muro, como baldrame do seu alicerce, por exemplo, já que é possível observar que foi formada a partir do depósito vertical de sedimento. Esse tipo de depósito dentro de uma estratificação arqueológica é interpretado como sendo resultante de intervenções humanas, logo que os depósitos naturais tendem a alocar horizontalmente os sedimentos, formando uma camada. Essas formas verticais de depósitos são características de intervenções para fins de construção de estruturas arquitetônicas, como é o caso do muro. Nessa camada não foi evidenciado nenhum artefato arqueológico.

Nas decapagens 5 (51-66cm de profundidade) e 6 (66-80cm de profundidade) se observou que a camada III se concentra na delimitação da estrutura da bica e a camada V (sedimento silte argiloso com o código Munsell 10YR 3/4 *DarkYellowish Brown*) fica evidente em todo o restante da trincheira. Nessas duas decapagens foram evidenciados cerâmica simples, louça (sem decoração e dois fragmentos de *blue edged*), cerâmica vitrificada, faiança e vidro. Todavia, esses artefatos foram coletados no sedimento da camada III na delimitação próxima a estrutura da bica. Estavam presentes ainda, restos construtivos (telha e tijolo), e metais associados à Camada V, ambos não coletados por não oferecerem informações arqueológicas suficientes para a resolução dos problemas previamente estabelecidos para a pesquisa.

146

Figura 6 – Ao final da decapagem 4 observa-se o aparecimento da camada V e ampliação da camada III. Na extremidade da estrutura foi observado um sedimento mais escuro em virtude de bioturbação (raízes penetrando no sedimento e entre os blocos de pedra) destacado na linha preta.



Nessa profundidade pode-se observar que o sedimento que caracteriza a Camada III, aparece apenas ao redor da estrutura da cisterna, o que poderia estar relacionado à utilização desse mesmo sedimento na construção de um baldrame de sustentação durante a confecção da cisterna. Nesse nível, nota-se apenas a presença da cisterna, construída em blocos de arenito, indicando assim, que a construção da mesma se deu em

período anterior à construção da abóbada, associada ao período de formação da Camada I.



Figura 7 – Ao final da decapagem 5, aparecem apenas as camadas III e V na trincheira.

Com a decapagem 6 (66-80cm) foi possível perceber melhor o alicerce da bica, ou seja, a cisterna (estrutura abaixo da intermediária) que é composta de blocos de pedras bem delineados que foram instalados verticalmente, sendo finalizada com argamassa para junção dos blocos, tendo como função principal a contenção de água para bica.

147

A escavação da Trincheira 1 se encerrou com o término da sétima decapagem a cerca de 97cm de profundidade. Com 81cm de profundidade foi possível observar melhor a delineação do baldrame formado por sedimentos da Camada III, próximo a estrutura da bica. Nesse nível foi constatada ainda uma nova camada (VI), composta por sedimento silte argiloso (com código o Munsell 10 YR 3/1 *VeryDark Gray*), que se estende no sentido leste-oeste, cuja continuidade pode ser observada também no perfil sul. Na camada VI, a água começa a minar, e não aparecem mais artefatos, configurando-a assim como uma camada estéril.

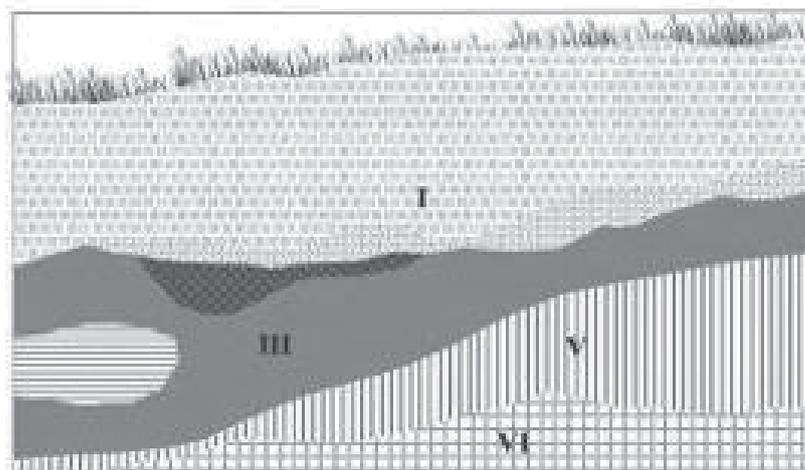
Figura 8 – Na decapagem 6 nota-se nas proximidades da estrutura da bica, a utilização de sedimento da camada III na formação de um baldrame para a cisterna (delimitado pela linha).



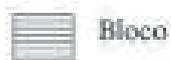
148

Nessa profundidade, a formação de poças de água colocava em risco a sustentação da estrutura da bica, assim como impossibilitava o controle vertical das camadas, já que, com a presença da água poderia ocorrer a mistura de sedimentos de possíveis camadas posteriores. Uma vez que a água que estava a minar colocava em risco a estrutura da cisterna e os dados levantados até essa profundidade já eram suficientes para a interpretação arqueológica das estruturas do sítio Bica das Freiras e a contextualização do mesmo no contexto histórico de Penedo, foi decidido pela equipe encerrar as escavações da Trincheira 1. Ao final das escavações foram registrados os perfis Oeste, Leste e Sul, tanto em desenho quanto em fotografia.

Sítio Bica das Freiras
Trincheira 1
Perfil Estratigráfico Leste
Escala: 1/10



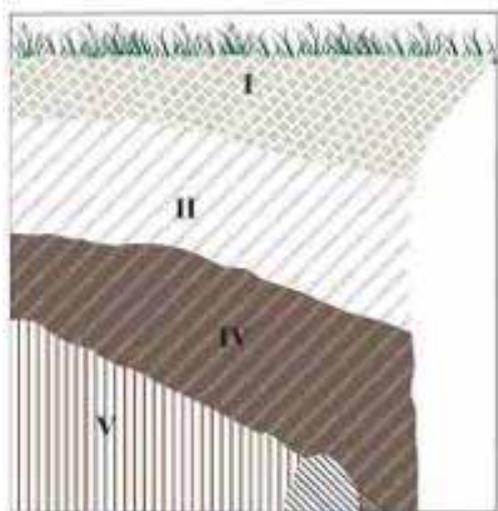
LEGENDA;



- I- Areia Argilosa - 10 YR 2/1 Black
- III- Arenoso Argiloso - 10YR 5/8 Yellowish Brown
- V- Silte Argiloso - 10YR 3/4 Dark Yellow Brown
- VI- Silte Argiloso - 10YR 3/1 Very Dark Gray

Figura 9 – Perfil Leste da Trincheira 1

Sítio Bica das Freiras
Trincheira 1
Perfil Estratigráfico Sul
Escala: 1/10



150

LEGENDA:

 Bloco

- I- Areia Argilosa - 10 YR 2/1 Black
- II- Areia Argilosa - 5YR 4/4 Redwish Black
- IV- Argila - 10YR 7/2 Very Pale Brown
- V- Silte Argiloso - 10YR 3/4 Dark Yellow Brown

Figura 10 – Perfil Oeste da Trincheira 1.

Sítio Bica das Freiras
Trincheira 1
Perfil Estratigráfico Sul
Escala: 1/10

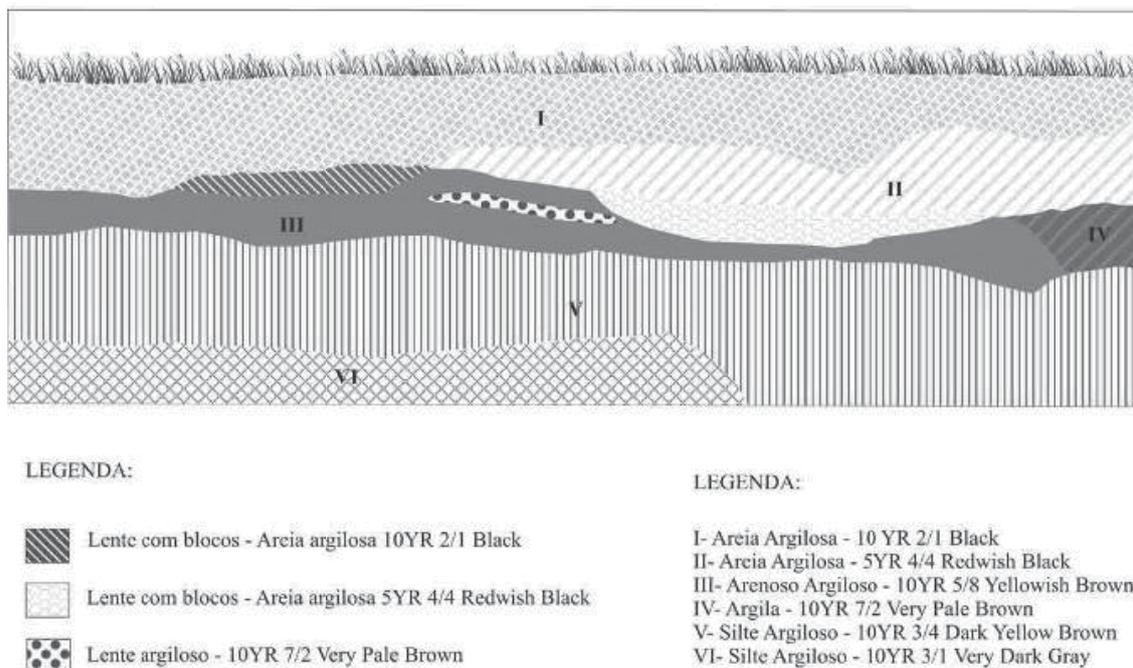


Figura 11 – Perfil estratigráfico sul da Trincheira 1.

Também fizeram parte das intervenções arqueológicas na Bica das Freiras escavações de poços-teste, concomitantes às atividades realizadas na Trincheira 1. Num total de três (3) poços-teste foram escavados, dois do lado oeste da bica (PT2 e 3) e um (1) do lado leste (PT1). A abertura de tais poços-teste objetivou a identificação de estruturas ligadas ao conjunto encontrado na Bica, caracterização das camadas sedimentares (níveis naturais e antrópicos), assim como a verificação da continuidade das unidades estratigráficas observadas durante a escavação da Trincheira 1 e identificação de áreas de atividade ligadas ao contexto de utilização da bica nos períodos de seu funcionamento. Cada poço-teste teve como referência espacial os pontos estabelecidos durante o levantamento topográfico. Para o controle da escavação foram estabelecidos níveis artificiais de 10 cm (registrados nos formulários, por exemplo, de decapagem), já que não se tinha o conhecimento prévio do contexto estratigráfico do sítio.

A escavação do PT 3, que distava 41m da bica, atingiu uma profundidade de 50cm numa área de 40x40cm. Esse poço-teste apresentou duas camadas de sedimento

silte arenoso, a primeira com 35cm de espessura e coloração 10YR 4/1 (Munsell) e a segunda com 15cm de espessura e coloração 10YR 5/3 (Munsell). Todos os artefatos encontrados foram evidenciados na primeira camada, e do conjunto, composto por vidro, cerâmica e telha, foram coletadas apenas fragmentos de cerâmica e de telha, já que a identificação em campo do material vítreo o caracterizou como sendo material de produção recente (fragmentos de garrafas de bebida).

O PT 2 está localizado no lado oeste da trincheira (4,5m), próximo ao muro. Nesse poço-teste foram evidenciadas três camadas, a primeira de um sedimento de areia argilosa (Munsell: 10 YR 3/3), a segunda também de areia argilosa (10 YR 4/4 *Reddish Black*) e a última camada de granulometria silte-argilosa (Munsell: 10 YR 4/1). As duas primeiras decapagens (0-20cm) apresentaram artefatos recentes (telha, tijolo, vidro e plástico) que correspondem à perturbação do local em decorrência das atividades realizadas atualmente (área de descarte e criação de animais). Além desses artefatos, em todas as decapagens foram evidenciados pequenos seixos e raízes. A partir de 75cm de profundidade (decapagem 8) o sedimento apresenta uma maior umidade e ao término da decapagem o poço-teste começa a minar água. Como não foi identificado nenhum dado arqueológico (artefatos ou vestígios) nessa profundidade, além da confirmação da descontinuidade das camadas da Trincheira 1, e a água começou a danificar os cortes estratigráficos, a escavação do poço-teste foi encerrada.

152

A partir desse poço-teste foi possível demonstrar que a Camada II da Trincheira 1 não tem sua continuidade na lateral do muro, indicando que a mesma foi formada após a construção do muro. Sendo assim, o contexto de formação dessas camadas, existentes apenas nas proximidades da bica, é resultado dos processos de intervenção ligados aos momentos de construção e reforma da bica.

Para a verificação da continuidade estratigráfica assim como da identificação de áreas de atividade, uma intervenção em subsuperfície foi realizada em outra área do sítio, que se localizava a leste da bica. Nessa área, que dista cerca de 9m da bica, foi aberto o primeiro poço-teste (PT 1) de 45x45cm de dimensão. Como nos demais, a escavação seguiu níveis artificiais de 10cm para o melhor controle do registro estratigráfico, sendo realizadas ao todo seis decapagens. Na escavação foi evidenciada quatro camadas, todas com as mesmas características granulométricas do sedimento, constituído por areia argilosa, diferenciando-se apenas pela coloração. Na primeira camada (Munsell: 10 YR 3/2) de 28cm foram encontrados artefatos recentes como pilha, plástico, telha e cerâmica simples. Da camada seguinte (Munsell: 5 YR 4/4), com 11cm de espessura foram evidenciados cerâmicas simples, louças, grés (industrial) e metal, este último sem identificação. Em ambas as camadas foram observadas a presença de várias raízes que perturbavam a integridade estratigráfica, e seixos soltos. Nas terceira (10 YR 5/8) e quarta (5 YR 4/4) camadas foram evidenciadas apenas cerâmicas simples, sem características que pudessem remeter tanto ao objeto ao qual o atual fragmento pertenceu quanto à cronologia e procedência do mesmo.

A presença de raízes se manteve até o final da quarta camada, o que demonstra uma perturbação vertical do local onde foi aberto o poço-teste. Como não foi possível retirar maiores informações para a interpretação arqueológica do sítio Bica das Freiras, assim como a constatação da perturbação das camadas, a escavação desse poço-teste foi encerrada aos 60cm de profundidade.

Nos três poços-teste escavados não se observou a continuidade da Camada III, fortalecendo assim, a suposição de que a formação dessa camada tenha resultado da utilização de sedimento para o aterro do local durante o processo de construção da bica. Além da identificação, a partir do corte estratigráfico no perfil sul da Trincheira 1, de um considerável desnível no terreno, podendo ter ocasionado a necessidade do seu aplainamento (o aterro), a utilização, ainda, do sedimento da Camada III no preenchimento do baldrame reforça a possibilidade da formação dessa camada estar ligada a um dos momentos construtivos, ou seja, ao período de construção da cisterna.

Dessa maneira, esse sedimento, pode ter sido retirado de outros espaços para a formação de tal aterro na área do sítio, ocasionando com isso, também, o deslocamento de materiais arqueológicos de outro contexto. Sendo assim, a cronologia dos artefatos encontrados nessa camada, pode não corresponder, necessariamente, ao tempo em que a bica foi construída.

Da mesma forma, a Camada IV, encontrada na porção oeste da Trincheira 1 (logo abaixo do alicerce do muro), não aparece em nenhum dos poços-teste. Pela configuração dessa camada no contexto estratigráfico do sítio, a mesma parece ter sido formada por um preenchimento vertical durante a construção dos alicerces do muro. Durante esse processo construtivo, parece ter havido um corte vertical e retirada de sedimento que ocasionou a descontinuidade da Camada III, e o corte da parte superficial do baldrame, observado no perfil oeste, próximo ao muro.

Os materiais arqueológicos recolhidos se limitaram a artefatos trazidos pela erosão da estrada, e subsequente sedimentação acumulado junto à estrutura da Bica. Desta forma, não foi possível, através desses, se estabelecerem a crono-estratigrafia do sítio e, muito menos, indicadores dos construtores dessa estrutura. Revelada a parede da base da cisterna, foi possível a análise, mesmo preliminar, das características arquitetônicas.

OS MATERIAIS CONSTRUTIVOS DA BICA DAS FREIRAS

No Brasil, o processo artesanal de tijolos é ainda utilizado até os dias atuais, sobretudo em algumas olarias de cidades de interiores de vários estados, ocorrendo nelas a moldagem em formas retangulares sem fundo, postas com face para baixo (o chão), recobertas com areia para acelerar a secagem. Os tijolos do tipo maciço apresentam ótimas propriedades térmicas e acústicas mesmo variando no seu processo de confecção.

Em Penedo - Alagoas, município que já contou com várias olarias, e a prova disto se dá pela existência de algumas, hoje desativadas em suas cercanias, as quais produziram com abundância, tanto tijolos bem cozidos como mal cozidos e de diferentes tamanhos. Sobre esta diferenciação é possível identificar-se nas peças, pois a peça cerâmica mal cozida (o tijolo) produz um som surdo à percussão sendo um tanto poroso na superfície, opondo-se à textura lisa, bem uniforme, por vezes vítrea, do bem cozido, que já produz um som bastante claro à percussão. Contudo, esse tipo de avaliação pode resultar um tanto comprometida em situações que os tijolos estejam há muitos anos impregnados de umidade e com alterações de desgaste de texturas

No caso da construção da Bica das Freiras em Penedo a alvenaria de tijolos da sua parte superior, em formato de cúpula em fiadas é constituída por unidades de argila, em formato trapezoidal, possuindo o exemplar recolhido para amostra. Sugere-se um rastreamento junto às olarias da redondeza, que ainda funcionem, para uma verificação de procedência, de modo a se acrescentar mais informações sobre as unidades que compõem tal alvenaria em formato tão peculiar na cidade. Tal rastreamento também poderá levar à informação sobre a ocorrência de produção desse tipo de tijolo (barro batido - trapezoidal) e até que década, aproximadamente, deixou de ser produzido. Conclui-se, todavia, que o formato foi escolhido para facilitar a construção da referida cúpula, sendo em fiadas concêntricas para camada a camada ter o diâmetro reduzido em relação à fiada anterior.

154

Sobre as *alvenarias de pedras*, já que estas derivam de aflorações rochosas com densidade e dureza que lhe conferem a capacidade de serem utilizadas na construção, no âmbito estrutural do suporte de cargas ou isolamento de áreas úmidas das fundações, sejam elas das mais diferentes naturezas de uso e porte de dimensões. As técnicas de corte e uso das pedras usadas em construção têm variado, ao longo do tempo, em termos da utilização ou não de argamassas e da composição e consistência dessas, de modo que a análise das mesmas chega a ser um indicativo de época.

No Brasil colonial se usavam alvenarias de pedra seca, de pedra e barro e de pedra e cal; dispensando as primeiras o uso de argamassa, as segundas utilizando argamassa de terra e as terceiras argamassa de cal e terra, substituindo preferencialmente as de barro, onde a cal fosse acessível. (LEAL, 2009:11).

No exemplar da Bica das Freiras, a alvenaria de pedra da sua parte inferior, que muito provavelmente resultou bem elevada acima do solo como barreira de contenção à ação da água do nascedouro, se configura por um maciço constituído de pedras de diferentes dimensões, partidas de forma aleatória e ligadas entre si por intermédio de

argamassa que precisa ser recolhida para análises de granulometria; componentes e determinação de umidade.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

A estrutura, Bica das Freiras, se configura como patrimônio imaterial e material para a população de Penedo, sendo assim importante a sua preservação. Quanto sítio arqueológico, não se espera obter informações que possam aprofundar sobre o passado dessa estrutura, já que o contexto arqueológico provém de sedimentos trazidos pelas chuvas anuais e possivelmente de outros contextos (como ocorreu na camada III da Trincheira 1). Logo, todo material arqueológico encontrado não tem proveniência segura. Fica aparente que a arquitetura histórica, reunindo assim pesquisa documental e técnicas de construção, é a área mais indicada a dar continuidade aos estudos do local.

AGRADECIMENTOS

Esse estudo é um componente do Projeto Anarape, patrocinado pela Superintendência do IPHAN em Alagoas em 2009. Participaram nos estudos de campo os alunos do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF como parte das suas atividades didáticas sob a orientação dos professores Vivian Sena e Waldimir Leite Neto. O Dr. Sales e sua equipe da Casa de Penedo facilitaram acesso à riqueza de documentação histórica da Casa de Penedo.

155

Scott Joseph Allen, Pesquisador CNPQ

Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco
sjallen@pq.cnpq.br

Josemary Omena Passos Ferrare

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas
jferrare@uol.com.br

Vivian Karla de Sena

PPARQ/UFPE, Curso de Doutorado
Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial, Universidade Federal do Vale do São Francisco
vivian.sena@univivasf.edu.br

Waldimir Maia Leite Neto

PPARQ/UFPE, Curso de Doutorado

Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial, Universidade Federal do Vale do São
Francisco
waldimir.leiteneto@univasf.edu.br

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M., V. LUCENA E M. da SILVA 2005 *Reconhecimento Arqueológico em Penedo*. Relatório técnico. Maceió: IPHAN, 85p

ALLEN, S. J.; MORAES, F.; LEITE NETO, W. M.; PINTO, K. M. 2009. “Arqueologia da Casa de Aposentadoria. Penedo. Alagoas.” *CLIO – Arqueológica* 24:1, 161 a 176

_____. 2008. *Acompanhamento arqueológico da casa de aposentadoria, Praça Frei Camilo de Lellis, Praça Padre Veríssimo e Praça Costa e Silva na área Tombada da idade de Penedo, Alagoas*. Relatório Técnico arquivado no NEPA/UFAL e na 17ª SR/IPHAN. Maceió, Alagoas, 142p

FERRARE, Josemary; GUIMARÃES, Adriana. 2009 *Projeto de restauração do Chalé dos Loureiros para sede do Museu do Rio São Francisco – Diagnóstico*. Maceió: FAU-UFAL

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. 1999 *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN, Museu Imperial

LEAL, Renato Machado. 2009 *Restauração e construção de Anexo do Chalé dos Loureiros para implantação do Centro de Referência do Homem do São Francisco, do Museu do Rio São Francisco – Proposta Técnica*. Salvador: Construtora Concreta

157

MELLO, Janaina Cardoso de & SANTOS, Ricardo da Silva. 2008 Memória e identidade alagoana, a oralidade na constituição do patrimônio cultural do Estado. *Sæculum - Revista de História*, ano 14, n. 18. João Pessoa: Departamento de História/ Programa de Pós-Graduação em História/ UFPB. (pp. 91-104)

MELLO, José Antônio. *Fontes para a História do Brasil Holandês*. Recife: s/Ed, 2004.

MÉRO, Ernani. 1991 *Penedo - templos, ordens e confrarias*. Maceió: SEREGASA

QUEIROZ, Álvaro. 1994 *Os Carmelitas na História das Alagoas*. Maceió: SERGASA

SALES, Francisco. 1995 *Memorial da Casa de Penedo*. Penedo: MINC – PRONAC

Jornais

GAZETA DE ALAGOAS. 1993 “Encontrada ruína de chafariz em Penedo”. Maceió: domingo 17 de janeiro

JORNAL DA CASA DO PENEDO. 1994 “Aventuras de Ledo Ivo jovem em Penedo”. Ano I. n. 3